



CHACOTAS RELACIONADAS À APARÊNCIA NA FORMAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E NA SAÚDE MENTAL

Augusta Karla Silva Quintanilha¹
Isabella de Paula Silva Quintanilha²
Dalila Maria Alves de Freitas³

Resumo

Estudar a imagem corporal é importante, visto que pode impactar diretamente a saúde mental do sujeito, influenciando em aspectos como baixo autoconceito e autoestima prejudicada. Conceitos correlatos, como as chacotas pela aparência, impactam diretamente o desenvolvimento de uma imagem corporal integrada e podem trazer consequências prejudiciais ao indivíduo. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo discorrer sobre chacotas relacionadas à aparência e conceitos correlatos para prover base teórica para futuros estudos. Espera-se elucidar, de forma incipiente, algumas questões relacionadas às provocações pela aparência que podem interferir na formação da imagem corporal, propiciando, assim, embasamento para futuras pesquisas que visem o desenvolvimento da imagem corporal.

Palavras-chave: Corpo. Saúde mental. Família.

Introdução

Chacota relacionada ao corpo é definida como atos de provocações pertinentes à aparência física do indivíduo (tamanho, peso, características faciais, objetos de uso que componham sua aparência como óculos, bengala, muletas, tipo de cabelo, dentre outros) (Thompson, 1991;1999; Cash, 1995), resultando em um feedback social negativo, podendo gerar vergonha de seu corpo (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021).

Inicialmente esse conceito foi estudado por Thompson et al. (1991) que reportaram a existência de um componente etiológico de distúrbios alimentares e insatisfação corporal relacionados ao ato de provocar o outro por sua aparência.

¹ Mestra em Educação pela UFRRJ, Docente do curso de Psicologia, UGB-FERP.

² Graduanda de medicina, UNINOVE, SP.

³ Graduanda de psicologia, UGB-FERP, RJ.



Posteriormente estudos sobre chacotas referentes à aparência foram realizados com outras amostras, a saber: pessoas obesas (Grilo et al. 1994; Hayden-Wade et al., 2005); provocações realizadas por familiares (Schaefer, Salafia, 2014); em pessoas com transtornos alimentares (Jackson, Grilo; Masheb, 2002); em estudantes adolescentes (Diedrichs; Atkinson, Garbett, 2021).

Estudos recentes têm demonstrado as consequências prejudiciais das chacotas na formação da imagem corporal, como por exemplo: o desenvolvimento de uma imagem corporal negativa (Tewari; Pande; Pande, 2022); exclusão social (Hidalgo-Rasmussen et al, 2015); psicopatologias (Benas; Gibb, 2011); ostracismo (Hayden-Wade et al., 2005); *gelotofobia* (Torres-Marín; Moya-Garófano; Carretero-Dios, 2020); ansiedade (Blanco et al, 2020); *sensibilidade de rejeição baseada na aparência* (Webb; Zimmer-Gembeck; Donovan, 2014), dentre outros quadros. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre chacotas pela aparência e conceitos correlatos para prover base teórica para futuros estudos.

Metodologia

O presente artigo é uma revisão da literatura e foram elencados artigos relacionados à temática de chacotas pela aparência. Esses artigos foram extraídos das bases de dados Scopus, PsycInfo e Web of Science. Foram utilizados artigos em português, inglês ou espanhol, sem tempo pré-determinado, para que fosse realizado um mapeamento de achados na literatura sobre a temática de forma ampla, mas não exaustiva.

Desenvolvimento

De acordo com Grilo et al. (1994), a chacota pela aparência é considerada uma variável importante na construção da imagem corporal, pois pode desencadear impactos negativos quando o alvo da provocação possui aspectos particularmente



sensíveis. Segundo esse autor, nem sempre os sujeitos têm a intencionalidade de ferir o outro.

Tendo em vista a relevância do conceito central desse estudo, é essencial destacar que essas provocações podem intervir direta e negativamente no desenvolvimento do sujeito, desencadeando efeitos deletérios em sua psiquê e na formação de sua identidade corporal (Zimmer-Gembeck; Webb, 2017) e, conseqüentemente, depreender uma imagem corporal negativa (Schaefer; Salafia, 2014).

Nesse sentido, Thompson et al. (1991) reportaram que essas chacotas podem surgir com um tom de brincadeira, mas podem evoluir para ridicularização e para a intenção de explorar a suposta fraqueza do outro, visando o engrandecimento de quem pratica a provocação. No entanto, os efeitos prejudiciais de uma atividade aparentemente benigna, podem ser ampliados quando o alvo do comentário é alguém com características específicas como peso, tamanho ou particularidades físicas, como por exemplo, pessoas com algum tipo de deficiência. Nesse mesmo sentido, Vessey et al. (2003) ressaltaram que os instigadores da provocação geralmente se consideram participantes de atividades inofensivas e despreocupadas, embora os destinatários possam ficar incomodados com as piadas, as provocações e as insinuações direcionadas a eles.

Outro ponto importante a ser observado é que as chacotas pela aparência, na maioria das vezes, se dão no âmbito social (Vessey et al., 2003). Como já mencionado, a formação da imagem corporal se dá também pela influência social (pais, pares e mídia) (Thompson, 1999). Assim há de se considerar que perpetradores de tais provocações aproveitam o meio social para zombar dos pares e se promoverem socialmente, desconsiderando os efeitos prejudiciais desses atos para o indivíduo. Inicialmente, as chacotas pela aparência foram investigadas em mulheres com transtornos alimentares, sendo identificado que essa população possuía maior risco de sofrer provocações por conta de sua aparência, intensificando os quadros de psicopatologias (Thompson et al., 1991; Thompson; Coover; Stormer, 1999).



Similarmente, Grilo et al. (1994) examinaram a relação entre o histórico de provocações relacionadas à aparência e sua ligação com imagem corporal e autoestima em mulheres obesas. Identificaram que tais chacotas, durante a infância e adolescência, estavam correlacionadas com a insatisfação corporal na idade adulta. Além disso, pessoas expostas precocemente a provocações relacionadas à aparência têm maior fator de risco para desenvolver transtornos alimentares (Solmi et al., 2020). Pesquisas também exploraram o papel das chacotas direcionadas à aparência em pessoas submetidas à procedimentos estéticos. Assim, Jackson et al. (2012) demonstraram que as provocações contribuíram para períodos mais longos de consideração em fazer uma cirurgia como uma resposta à insatisfação corporal.

Com relação às provocações durante o desenvolvimento do sujeito, a literatura mostra dados importantes. A chacota pode se iniciar em tenra idade pelos próprios familiares. De acordo com Liang, Jackson e McKenzie (2011) diferentes tipos de provocações realizadas no âmbito familiar podem ter impactos na imagem corporal de jovens. Para exemplificar, Schaefer e Salafia (2014) reportaram que tais atitudes de provocação e comparação efetuadas por irmãos e pais, desencadeiam insatisfação corporal nas meninas e desejo por muscularidade nos meninos. Essas atitudes podem impactar direta e negativamente o desenvolvimento de uma imagem corporal integrada.

Outro recorte foi dado por Almenara e Jesek (2015) que demonstraram que adolescentes obesos, tanto meninas quanto meninos, eram mais propensos a serem provocados pela aparência corporal. Além disso, os efeitos das provocações paternas e maternas ao longa da vida de adolescentes foram preditoras significativas de comparação, internalização do ideal de magreza, restrição, comportamentos bulímicos, baixa autoestima e depressão (Keery et al., 2005). Sendo ainda importante destacar que esse histórico de provocações está ligado à insatisfação corporal e à baixa estima corporal (Lunde; Frisén; Hwang, 2006).

Em complemento, Rasmussen et al. (2015) identificaram que ser vítima de provocações relacionadas à aparência afetou a autopercepção e a imagem corporal,



ao passo que, o sobrepeso e as provocações relacionadas à aparência foram associados a comportamentos de isolamento, preferência por atividades sedentárias e bulimia (Hayden-Wade et al., 2005).

Chacotas pela aparência também estão associadas a um tipo de fobia social conceituado como gelotofobia (medo de ridicularizações). Nesse sentido, foi reportado que em mulheres e homens adultos a gelotofobia está associada aos comportamentos de vigilância e vergonha corporal, preocupação com a aparência e com excesso de peso, bem como insatisfação com áreas corporais específicas (Torres-Marín; Moya-Garófano; Carretero-Dios, 2020).

Considerando as consequências dessas chacotas, pessoas obesas são frequentemente mais vulneráveis à estigmatização e à discriminação devido a sua aparência. Por exemplo, mulheres obesas que sofreram provocações sobre o peso na infância eram significativamente mais propensas a ter comportamentos alimentares disfuncionais (Quick et al., 2013). Diante dessas discussões é possível perceber que as provocações relacionadas à aparência possuem variáveis associadas, como por exemplo, a vergonha corporal, que também se apresenta com um aspecto relevante a ser entendido na construção da imagem corporal (Schlüterk; Kraag; Schmidt, 2021).

A vergonha corporal surge quando há uma interpretação que o sujeito falhou em cumprir ideais de atratividade física (Tiggemann; Kuring, 2004). Markham, Thompson e Bowling (2005) investigaram a relação entre vergonha pelo corpo e transtornos alimentares e descobriram que a internalização do ideal de magreza prediz, indiretamente, aumentos na vergonha da imagem corporal por meio de comparações de aparência.

Frente a esse debate, é relevante mencionar o papel das comparações sociais na relação com as chacotas pela aparência. Por exemplo, estudiosos investigaram fatores como a satisfação com o cabelo natural a partir de relatos de meninas afrodescendentes. Os resultados demonstraram que serem comparadas à cabelos de celebridades na mídia e de colegas, foi significativamente associado a uma menor



satisfação com o próprio cabelo, enquanto que ter amigos que gostam do cabelo natural foi significativamente associado a índices mais elevados de auto apreciação e autoconceito (Henning et al. 2022). Isso demonstra o fator protetivo que o contexto social pode prover ao indivíduo.

Diante do exposto, algumas estratégias de enfrentamento têm sido apontadas pela literatura. Por exemplo, Williamson et al. (2016) ressaltaram a importância da família e do acompanhamento de profissionais como médicos, psicólogos e profissionais de saúde com o objetivo de prover tais estratégias. Esses profissionais, através da conscientização, psicoeducação e até a medicação (em certos casos) fortalecem o indivíduo para o confronto, afastamento, resolução de problemas e reavaliação positiva. Assim, o suporte social se torna essencial para a saúde mental do indivíduo.

De igual modo, Jackson et al. (2012) sugeriram que estratégias que ajudam o indivíduo a lidar com as provocações podem ser providas através de uma educação preventiva a nível coletivo (profissionais, escola, família). Isto, juntamente com a detecção precoce dos impactos psicológicos das provocações, pode proporcionar estratégias de enfrentamento. Em complemento, Cook-Cottone (2016) salientou que a capacidade de desenvolver filtros cognitivos faz com que o indivíduo avalie se as mensagens (de pessoas e mídia) serão relevantes para si.

Considerações Finais

O objetivo desse estudo foi discorrer sobre a temática das chacotas relacionadas à aparência e conceitos correlatos para prover base teórica para futuros estudos. As chacotas podem se iniciar desde a infância e sem a intenção de prejudicar o indivíduo. Porém, seus efeitos podem ser prejudiciais no desenvolvimento integral do sujeito. No que tange à compreensão desse fenômeno é fundamental estudos primários que investiguem suas consequências na formação da imagem corporal,



para que se construa no coletivo, ações que visem mitigar seus efeitos deletérios na saúde mental dos indivíduos. Estudos futuros podem investigar essa temática em populações específicas como adolescentes e pessoas com deficiência, visto que apresentam fatores de risco para o desenvolvimento de uma imagem corporal negativa.

Referências

ALMENARA, C. A.; JEZEK, S. The source and impact of appearance teasing: an examination by sex and weight status among early adolescents from the Czech Republic. **Journal of school health**, v. 85, n. 3, p. 163-170, 2015.

BENAS, J. S.; GIBB, B. E. Childhood teasing and adult implicit cognitive biases. **Cognitive therapy and research**, v. 35, p. 491-496, 2011.

CASH, T. F. Developmental teasing about physical appearance: Retrospective descriptions and relationships with body image. **Social Behavior and Personality: an international journal**, v. 23, n. 2, p. 123-130, 1995.

COOK-COTTONE, Catherine. **The attuned representation of Self (ARMS): 10 practices for incorporating positive body image into the treatment of eating disorders**, 2016. Disponível em: <https://www.edcatalogue.com/the-attuned-representation-of-self-arms-10-practices-for-incorporating-positive-body-image-into-the-treatment-of-eating-disorders/> Acesso em: 04/11/2023.

DIEDRICHS, P.C. ATKINSON, M.J. GARBETT, K.M. LECKIE, G. Evaluating the “Dove Confident Me” Five-Session Body Image Intervention Delivered by Teachers in Schools: A Cluster Randomized Controlled Effectiveness Trial. **Journal of Adolescent Health**, 68(2), pp. 331–341, 2021

HAYDEN-WADE, H.A; STEIN, R.I.; GHADERI, A.; ZABINSKI, M.F.; WILFLEY, D.E. **Prevalence, characteristics, and correlates of teasing experiences among overweight children vs. non-overweight peers** **Obesity Research**, 13(8), pp. 1381–1392 2005

HENNING, Taryn et al. Examination of hair experiences among girls with Black/African American identities. **Body image**, v. 42, p. 75-83, 2022.

HIDALGO-RASMUSSEN, Carlos et al. Bullying y calidad de vida relacionada con la salud en adolescentes escolares chilenos. **Revista médica de Chile**, v. 143, n. 6, p. 716-723, 2015.



JACKSON, Tamara D.; GRILO, Carlos M.; MASHEB, Robin M. Teasing history and eating disorder features: An age-and body mass index [ndash] matched comparison of bulimia nervosa and binge-eating disorder. **Comprehensive Psychiatry**, v. 43, n. 2, p. 108-113, 2002.

JACKSON, Alun C. et al. The experience of teasing in elective cosmetic surgery patients. **Behavioral medicine**, v. 38, n. 4, p. 129-137, 2012.

KEERY, H.; BOUTELLE, K.; VAN DEN BERG, P.; THOMPSON, J.K. The impact of appearance-related teasing by family members. **Journal of Adolescent Health**, 37(2), pp. 120–127 2005.

LIANG, Vera X.; JACKSON, Alun C.; MCKENZIE, Vicki L. The effects of teasing in childhood or adolescence on young adults' body image. **The Educational and Developmental Psychologist**, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2011.

LUNDE, C.; FRISÉN, A. HWANG Is peer victimization related to body esteem in 10-year-old girls and boys? C.P. **Body Image**, 3(1), pp. 25–33 2006

MARKHAM, Anita; THOMPSON, Ted; BOWLING, Alison. Determinants of body-image shame. **Personality and Individual Differences**, v. 38, n. 7, p. 1529-1541, 2005.

QUICK, Virginia M.; MCWILLIAMS, Rita; BYRD-BREDBENNER, Carol. Fatty, fatty, two-by-four: Weight-teasing history and disturbed eating in young adult women. **American journal of public health**, v. 103, n. 3, p. 508-515, 2013.

SCHAEFER, Mallary K.; SALAFIA, Elizabeth H. Blodgett. The connection of teasing by parents, siblings, and peers with girls' body dissatisfaction and boys' drive for muscularity: The role of social comparison as a mediator. **Eating behaviors**, v. 15, n. 4, p. 599-608, 2014.

SCHILDER, Paul; WERTMAN, Rosanne. A imagem do corpo. In: **A imagem do corpo**. 1994. p. 316-316.

SCHLÜTER, Constanze; KRAAG, Gerda; SCHMIDT, Jennifer. Body shaming: an exploratory study on its definition and classification. **International journal of bullying prevention**, p. 1-12, 2021.

SOLMI, Marco et al. Risk factors for eating disorders: an umbrella review of published meta-analyses. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 43, p. 314-323, 2020.

TEWARI, Gunjan; PANDE, Lata; PANDE, Kamal Kishor. Risk Factors Affecting Body Image: A Systematic Review. **International Journal Of Progressive Research In Science And Engineering**, v. 3, n. 05, p. 163-169, 2022.



THOMPSON, J. Kevin et al. Development and validation of the physical appearance related teasing scale. **Journal of personality assessment**, v. 56, n. 3, p. 513-521, 1991.

THOMPSON, J. Kevin; COOVERT, Michael D.; STORMER, Susan M. Body image, social comparison, and eating disturbance: A covariance structure modeling investigation. **International Journal of Eating Disorders**, v. 26, n. 1, p. 43-51, 1999.

TIGGEMANN, Marika; KURING, Julia K. The role of body objectification in disordered eating and depressed mood. **British Journal of Clinical Psychology**, v. 43, n. 3, p. 299-311, 2004.

TODD, J.; ASPELL, J. E.; BARRON, D.; SWAMI, V. Previous research suggests that lower interoceptive. **Body image**, v. 31, p. 171-180, 2019.

TORRES-MARÍN, Jorge; MOYA-GARÓFANO, Alba; CARRETERO-DIOS, Hugo. Beyond the HEXACO model: The fear of being laughed at as a predictor of body image. **Current Psychology**, p. 1-15, 2020.

VESSEY, J. A.; DUFFY, M.; O'SULLIVAN, P.; & SWANSON, M. (2003). **Assessing teasing in school-age youth. Issues in Comprehensive Pediatric Nursing**, 26(1), 1–11. doi:10.1080/01460860390183038

WEBB, Haley J.; ZIMMER-GEMBECK, Melanie J.; DONOVAN, Caroline L. The appearance culture between friends and adolescent appearance-based rejection sensitivity. **Journal of adolescence**, v. 37, n. 4, p. 347-358, 2014.

WILLIAMSON, H. et al. Study protocol of the YP Face IT feasibility study: comparing an online psychosocial intervention versus treatment as usual for adolescents distressed by appearance-altering conditions/injuries. **BMJ Open**. 2016 Dec 3; 6 (10): e012423. doi: 10.1136/bmjopen-2016-012423.

ZIMMER-GEMBECK, Melanie J. et al. Risk factors and temporal patterns of disordered eating differ in adolescent boys and girls: Testing gender-specific appearance anxiety models. **Development and Psychopathology**, v. 33, n. 3, p. 856-867, 2021.